



INSTITUTO DE HUMANIDADES- (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES- (BHU)

JOÃO SILVANO FERNANDES LIMA

ESTUDO DA IDENTIDADE GUINEENSE: CASO DOS PEPÉIS

ACARAPE/CE
2023

JOÃO SILVANO FERNANDES LIMA

ESTUDO DA IDENTIDADE GUINEENSE: CASO DOS PEPÉIS

Projeto do Trabalho de Conclusão do curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Luís Tomas Domingos (Orientador/IH UNILAB)

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

Prof.ª Mestre Peti Mama Gomes (Examinadora/IH UNILAB)

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

Prof.º Dr. Carlos Subuhana (Examinador/IH UNILAB)

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

RESUMO

O estudo da identidade guineense no caso dos pepéis em Guiné-Bissau, trata-se do trabalho de conclusão do curso no Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional Lusofonia Afro-Brasileira, que busca trazer o conhecimento ancestrais pepéis através das suas particularidades. O modo da organização social política e saberes filosóficos do passado e do contemporâneo. Quanto a isto, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica do método qualitativo e interdisciplinar. A identidade Pepel se resume naquilo que ele mesmo se diz, “filho de Pepel não se perde” que norteia a pesquisa, construído a partir de uma perspectiva da cosmologia religiosa, a forma de ser, estar e de se apresentar no mundo. Compreendemos que a cultura, a civilização e o desenvolvimento não se empresta é a construção de toda a força espiritual e física de um povo, por fim, constatamos que nem tudo que encontra numa crença é satisfatória, mas para não servir de refém das outras civilizações precisa crescer na base das nossas culturas.

Palavras-chaves: identidade Pepel, organização social, saberes ancestrais.

GUINEENSE

Xtudo di identidade guinense, kunhicimentus i baluris di pepelis na Guiné-Bissau, ina trata di trabadju di kaba curso di Bacharlado na Humanidades interdisciplinar, na Universidade di Integração Internacional Lusofonia Afro-Brasileiro, ki na busca tici kunhicimentu ku ardadu di pepelis, atravez di, sê manera di organiza vida i politicas sê kunhicimentus i na sê manera di djubi mundu (mé ossak), antigamenti i suma gosi.

Di es forma, i fassidu busca di informasons (pesquisa bibliográfica) di metudu kualitativo i interdisciplinar. Identidadi Pepel xta na kil ku elis é ta fala, “fidju di Pepel kata pirdi” es palabra ku na guia nó busca, ki xta a partir di um kunhicimentu di tradiçon/religion, manera ku é sedu i di kuma ku é xta, sê forma di apresenta na mundu.

Nó intindi di kuma kultura i civilizaçon ku disinvovimentu i ka kussa kuta pistadu, i processu kuta konsiguidu atravez di tudu forsa spiritual i físico di um povo, pa kabanta, i sibidu di kuma ika tudu ku xta dentru di um kultura ku ta kontentanu, mas pa noka sedu djintis kuta vivi di kunhicimentus/civilizaçon di utrus nó precisa di kirsi na base di nó culturas. I nó organiza kunhicimentus di sistema spiritual, nó passado i orientaçon pa nó futuro.

Palabras-principais: Identidadi Pepel, organizaçon social, kunhicimentus di passadu.

Sumário

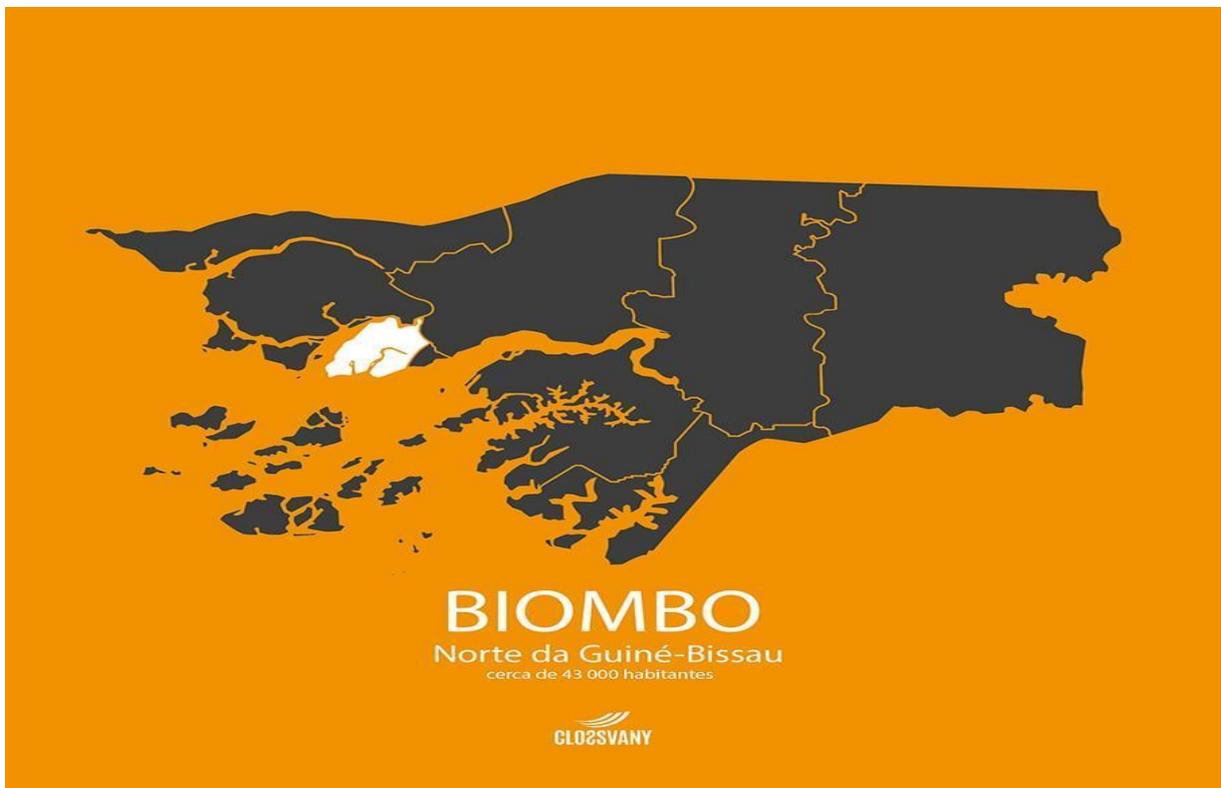
1 INTRODUÇÃO	6
2 JUSTIFICATIVA	8
3 PROBLEMÁTICA	11
4 HIPÓTESES	13
5 OBJETIVOS	13
5.1 Objetivo Geral	13
5.2 Objetivos Específicos	13
6 REFERENCIAL TEÓRICO	14
6.1 Nascimento do Menino Pepel (Barriga Pepel)	14
6.2 Iniciação (Pleké/Fanado Pepel)	15
6.3 Casamento Pepel	17
6.4 A Cosmovisão Da Morte No Povo Pepel	19
7 A COMPOSIÇÃO E AS ESTRUTURAS DAS FAMÍLIAS PEPEL	21
8 PAPEL DAS MULHERES DENTRO DO POVO PEPEL E A KATANDERA	24
8.1 Katandera Pepel	26
9 A COSMOVISÃO DOS PEPÉIS SOBRE A NATUREZA E A ESPIRITUALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL	27
9.1 Espiritualidade, Religião/Tradição (Balobas)	29
9.2 Yanda Kabas	32
10 A COMPREENSÃO DOS PEPÉIS SOBRE AVANÇO DA MODERNIDADE NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL	33
10.1 A Língua Pepel	36
11 METODOLOGIA	37
12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
13 CRONOGRAMA	42

1 INTRODUÇÃO

A invasão ao território considerado Guiné-Bissau por volta do século V, integrado ao império de Gabu, parte do Mali, a chegada dos Mandingas até ao século XII e mais tarde no século XIV a invasão europeia, marca o passado do povo Pepel.

O presente trabalho limitasse a uma população estimada em 7% dos cidadãos da Guiné-Bissau e quase 60% deste população vive no interior do país, na região de Biombo e norte da Guiné-Bissau é limitado pelo região de Cacheu no sul pelo Quinara e Ilhas de Bijagós, sua economia da região responde principalmente pelo setor agrícola e a pesca, sendo que essa população tem consciência cultural extremamente forte ligado a natureza e a terra. A Guiné-Bissau engloba cerca de 30 etnias diferentes, Biafada, Nalu, Manjaco, Fula, Mancanha, Padjadinca, Fulupe, Djakanca, Balanta, Pepel e entre outros. Fulupe, Manjaco, Bijagós, Balanta e Pepel segundo a (FUNAG 2012. p. 5), provieram da origem Bantu.

A região de Biombo onde se encontra maioritariamente População Pepel está dividido em quatro (4) setores e seções constituídos por nove (9) reinos de pepéis e são liderados pelos poderes locais tradicionais (regulados), atualmente fazem parte da organização tradicional da etnia Pepel intitulado (OTEPE) como meio reguladoras das suas políticas tradicionais.



Fonte: <https://clossvany.com/category/regioes/>

¹A necessidade de realizar esse trabalho baseia-se na perspectiva de compreender a base da formação social dos pepéis, e entender parâmetros para além dos pepéis como é formado a consciência guineense como um povo. Por isso, pretendemos descobrir durante a pesquisa a relação e a cosmovisão dos pepéis sobre a natureza, sabendo que a mesma explica a organização social em todo sentido deste povo. De forma geral, como as populações guineenses exploram seus conhecimentos no campo popular, filosófico e religioso. Assim como, conhecer a base da formação social dos pepéis como um povo que faz parte na formação da consciência guineense, um povo que conheceu a colonização cultural.

Por isso, este trabalho está dividido em dois grandes partes, a física cultural/tradicional e filosófica/religiosa da etnia Pepel por seguintes pontos:

-Na parte física cultural, se encontra as principais fases da identidade Pepel da iniciação até a morte e a parte religiosa tem a ver com as suas crenças do plano espiritual, lembrando que, o conhecimento religioso carrega a cultura de como um povo se orientam através dela, nos pepéis atravessa toda a realidade social.

Entre os pepéis a estrutura das sociedades é separado e dividido, todavia, o nosso trabalho pretende analisar as estrutura da família Pepel baseado na linhagem, e sobretudo o papel da mulher na sociedade supracitada. Pois, a cosmovisão, a relação, às religião e a natureza são os parâmetros para a compreensão das tradições Pepel, a relação à isto, as fases iniciais do fanado e casamento são os principais rituais que integram um Pepel dentro da sua sociedade, são importantes para estar inserido nos grandes eventos e meios sociais Pepel.

A identidade do povo Pepel, garante a legitimidade a vida social e este processo de construção está associado em como lidamos com a experiência do mundo, algo que se assemelha ao “fundamento do socialismo africano Ujamaa e a filosofia africana Bantu, percebe-se que, todos os povos fazem parte de uma ancestralidade comum” (NYERERE apud DOMINGOS 2011. p.03). Pepel é exemplo da história dessa separação os Brame mais tarde se construíram as sete gerações, Jr (2021) e, a pensar dos desafios das identidades no mundo contemporâneo, de acordo com o autor, o processo da construção das identidades é uma realidade difícil de ser evitado, mas as perspectivas de transformações situa-se em fazer as lutas da identidade étnicas, seja assumida como as lutas diversificarias como compromisso de se cuidar do próximo porque ele faz parte da sua existência como tal. "A interseccionalização

¹ Utilizamos o termo Pepel, porque é o termo mais corrente a chamar na sociedade guineense, como um nome adotado na era colonial, tradicionalmente entre os Pepéis, o termo da origem do nome e quanto a sua transformação ao longo do tempo para Pepel adotadas nas literaturas convencionais, não se implica. Etnicamente se utilizam o termo regional, setorial ou de gerações (djonson) a partir de conhecimentos próprios, por exemplo: ndji ó nsó (eu sou Bassó) seguido da identificação nacional.

étnica cultural na Guiné-Bissau se encontra numa relação mecânica e conservadoras", (LIMA 2023), enquanto, falamos numa perspectiva maior e profundamente da filosofia tradicional africana nos aspectos da linhagem que todos os humanos são irmãos para além da nossa escolha e protagonismo cultural e religioso.

2 JUSTIFICATIVA

Quando a nossa educação não reconhece a nossa cultura e não age com base nela, não estamos a ser “educados”. Estamos a ser “colonizados” motivos pelo qual nos leva muitas das vezes agirmos inconscientemente a julgar nossas tradições comparando a história única universal, o efeito da aculturação a consequência e a desintegração negação de si mesmo, das nossas tradições ancestrais africano e por isso o motivo de não nos fazer a ciência baseia-se nessa lógica porque não conhecemos e às vezes nem pretendemos conhecer a base das nossas realidades sociais porque o nível da assimilação cultural faz problema as nossas realidades, sabendo que nosso plano espiritual é controlado por sistema externas universalizado, enquanto estes saberes é o caminho para a construção da sua ciência endógena.

Quem controla sua crença controla quem você é. Ao refletir sobre isto e a experiência de um povo de como elas lidam e se constroem no mundo, lembraria que, ao longo do tempo, o povo africano, especialmente guineense, conheceu e viveu o processo da colonização cultural, onde o processo da inferiorização era o auge a justificar a ação do colono. A escolha desse tema surgiu mediante o processo de discussão com meu orientador, Dr. Luís Tomás Domingos, após a um acerto. De voltar, estudar e entender a base e a complexidades do povo Pepel, pois seguindo ao tema do meu desejo, logo remeteu-me a pesquisar a tradição como elemento que garante identidade de qualquer povo no mundo.

As tradições é um elemento fundamental na civilização africana em particular na Guiné-Bissau, caso contrário optamos por excluir ou considerar como algo atrasado, estaríamos a legitimar que antes da invasão europeia os pepéis e de modo geral africanos são aqueles que nunca provaram o conhecimento, ou seja, nunca alcançaram os saberes filósofos ou civilizacionais antes da invasão colonial.

Isto quer dizer que, outros sistemas já visto e ainda continuar existir precisa ser conhecido e comparado, mas primeiramente precisamos saber onde estamos colocados, porque acreditamos ao longo de tempo que nós estamos a viver num sistema altamente planejado ao nível da política, ciência e religião na arena internacional, de acordo com professor VIDAL (2023), ao recordar da declaração de um representante do FMI em 1997 sobre os estados

africanos, que ele caracterizou como a vergonha a presença destas nações nessa organização de que: "você estados africanos vos proibimos de fazer investigações científicas, você têm que fazer recomendação de estudos científicos aqui na Europa".

Na mesma perspectiva ele caracterizou o continente africano como doentio, onde nível da aculturação e amor ao externo faz problema ao nosso conhecimento do passado, que segundo ele "a África precisa produzir sua própria cultura tecnológica que respeita seus fundamentos filosóficos²".

Com estes fatos do passado sombrio dos africanos, faz a extrema importância à nossa volta para entender sobre Pepel, suas culturas e o sistema religioso/tradição juntamente com a espiritualidade deste povo, e também leva-nos a questionar porque, as invasões em África e como na Guiné-Bissau foi feita também pela via religiosa, que ao longo do tempo buscamos encontrar a independência política e econômica, mas não religiosa.

Entretanto, lembremos que o domínio de qualquer povo começa com um plano espiritual, e que cada povo tem sua egrégora para suas orientações no mundo. E às vezes nos encontramos em um campo espiritual e fundamentações que não lhes pertence à origem da contradição do que é civilizado moderno e tradicional africana em disputa, muitas das vezes essa contradição é origem de não conhecer a importância das nossas filosofias próprias africanas comparando a outros métodos filosóficos. Esse aspecto tem a ver porque a espiritualidade está relacionada com a ciência, é uma manifestação que cada povo recebe da sua egrégora. E caso contrário, a mudança de campo espiritual torna o "indivíduo servo do outro", KANDIMBA (2023).

A influência externa e a penetração do colonialismo na tradição Pepel e na Guiné-Bissau, provocou desaparecimento de muitos princípios culturais que eram valorizados e enfraqueceu a orientação social deste povo, a prova disso é o suposto nome atribuída aos pepéis, e o mesmo sistema colonial criou efeitos morais contra as tradições africanas. Um dos exemplos é a prática de espiritualidade desconhecida pelos europeus, (orientação no plano espiritual) por isso, tendem a chamá-la de "bruxarias" e a consequência disso, de forma geral, provoca complexo de inferioridade cultural e religiosa na Guiné-Bissau.

Em termos das cosmovisões religiosas, despertou a minha atenção porque ao longo do tempo na Guiné-Bissau era uso frequente do nome irã (divindade) como "diabo" por certas pessoas, por outro lado, existem indivíduos ligados a essa entidade e instituições, suscitou o meu interesse em compreender como é possível essa dualidade social.

² VIDAL, Artur Felipe: <https://vm.tiktok.com/ZM2j8TcMw/>.

Tudo isso, era o desconhecimento da sua importância na formação da cosmologia nos pepéis. Como essa filosofia é ligada às suas realidades sociais e constitui fundamentos nas suas bases sociais e de uma realidade próxima ao seu cotidiano, a ancestralidade vista nessa filosofia é a base dessa filosofia, a “força vital”. A decisão de conhecer a sociedade na qual eu faço parte, sua organização política, familiar, saberes tradicionais e sua realidade social é uma necessidade urgente.

Por esta razão, conclui que era importante conhecer a realidade social Pepel e não a ignorar, precisamos entendê-la e conhecê-la na sua profundidade.

Nesse lado, o motivo da escolha deste tema de pesquisa, surgiu mediante a nossa necessidade de compreender a construção social dos pepéis e suas identidades políticas. Nesse âmbito, pretendemos trazer as realidades ignoradas e desconhecidas ao longo tempo, e a tradição Pepel, como outras tradições também que compõem a Guiné-Bissau, tem suas prerrogativas e seus métodos da conduta social.

Por outro lado, na nossa concepção, entendemos que o problema não é só a perda da tradição que está em causa, mas precisa da reflexão crítica sobre certas exigências existente dentro da própria cultura, de acordo com este levantamento mostra que, "a aceitação do destino e conformação social fazem com que não se procure alterar as relações sociais abertamente mesmo quando não se concorda com determinadas crenças ou práticas", ROQUE (2011. p. 41)".

Uma vez que, acreditamos que, esta tradição é flexível como todas outras no país e pode-se adaptar a qualquer exigência ou transformação social, pela razão de preservar certas práticas como relevantes e necessárias para o enriquecimento da sua cultura.

Esta pesquisa procura analisar e compreender a gênese da formação das estruturas e ligação permanente através das línguas e crenças deste povo. Quanto isto, os pepéis são e fazem parte dos povos que constituem as diversidades étnicas e linguísticas da Guiné-Bissau. Este povo, que por si está ordenada de regras sociais e as hierarquias que guarda suas sabedorias ancestrais.

Portanto, como está organizada a sociedade Pepel, é baseada desde o nascimento, a morte e no mundo espiritual, o pertencimento preservado nos pepéis sobre a quem nasce da barriga do mesmo resume toda sua vida social, que deu nessa frase tão bonita e complexa como o fator principal da nossa pesquisa. Porque se diz que “filho de Pepel não se perde”.

Acrescentemos finalmente que, sendo a educação como o método da transformação da sociedade, devido às influências das culturas globais, o mesmo pode ser utilizado como a técnica de preservação de valores culturais, assim como, a identidade nacional, resguardando

os conjuntos das diversidade e riqueza que caracteriza o país através da contribuição de seus vários grupos étnicos.

3 PROBLEMÁTICA

A partir da experiência e modo de vida dos pepéis é possível notar que nós não somos seres físicos a viver uma experiência espiritual, somos seres espirituais a viver a experiência física. Exemplo, nos pepéis o plano humano físico temos orientadores que muitos entendem como espíritos, na tradição africana se figura como espíritos dos ancestrais.

A preservação das memórias e conhecimentos dos antepassados que materializam os saberes deste povo, de como agir socialmente por meio de ensinamentos da iniciação, implica toda complexidade do mundo real e invisível, o fato que as práticas conservadas há séculos precisam ser apreciadas e analisadas na contemporaneidade. As barreiras identitárias da diversidade cultural através das línguas ou crenças constituem limitações à internacionalização das culturas, provocando várias vezes desentendimentos e separações ideológicas. As tradições Pepel guarda a sabedoria e memória organizacional da sociedade do passado que mantenha a sua linhagem plena desde as sete mulheres das gerações dos anos imemorrável, muitas das vezes vistas como impasse do que é considerado de ponto de vista do desenvolvimento.

Nesse âmbito, a colaboração entre diferentes grupos étnicos que formaram a identidade nacional permite com que as relações individuais e étnicas sejam reguladas por fatos sociais como as normas que regulam a conduta pessoal. Assim, isso possibilita a formação de uma sociedade mais aberta e compreensível em matéria de identidade coletiva guineense como um processo de constante unificação nacional, os pepéis como povos que fazem parte disso, e não devem pensar as diversidades étnicas como sinônimo das diferenças étnicas.

Ao nascer na barriga do Pepel ligado a tradição pertence a uma estrutura sem rótulos por que está coberto de exigências, visto isto, é um conjunto de regras e proteção desde a gravidez que garante a sua vinda no mundo exemplo, os chamamento da tradição, yanda kabas, Rónia Irã, da cultura que precisa ser cumprida no momento indigitado, que por outro lado, isso responde o que sempre foi dita entre as mais velhas(os) Pepelis, que "filho de Pepel não se perde".

A Guiné-Bissau é um país composto por várias identidades culturais, por vezes a existência de divergências étnicas, é instrumentalizada por partidos políticos nos períodos eleitorais e também as práticas culturais. Diante disso, algumas limitações que se encontram nas relações étnicas buscaremos entender. Será que existe uma relação de confiança entre

diferentes povos e um bom senso da interseccionalização entre grupos e cultura na Guiné-Bissau?

A cultura utilizada muitas vezes como a identidade de um povo, ele está dentro e fora de cada um de nós não é um elemento estático único e infinita de qualificar “humanos” grupos sociais, embora nele se encontra a memória de um povo, suas experiências do passado no mundo e nele também serviria como uma arma discriminatória de um povo.

Para Teodoro (1987. p. 46), ao pensar a cultura considera que, "a religião, a dança, a moda, a concepção da beleza, o sistema fúnebre, os rituais de casamento, são vistas em processo da identificação cultural e se encontram em constante variações dentro do mesmo grupo". Entre nós se encontra vários elementos como base da nossa identidade, uma delas é a cultura qualificando a mesma, este fato não sobrepõe a perspectiva filosófica tradicional africana de entendimento humano e social Bantu e Ujamaa com suas bases no “humanismo e a irmandade”.

A continuidade da identidade Pepel ela se realiza por meio de transmissão materna e como por bem o filho é fundamental e é possível escutar que Pepel é filho da barriga.

A cultura Pepel em seu torno é vista como realidade tais difícil e até de se conhecer, e por facto de não saber torna-se algo misterioso, por isso ao longo dessa realidade social foi necessário estudar e trazer a olho nu o que podia ser conhecido, compreendendo limitações estabelecidas dos seus próprios requisitos e procedimentos para entender a existência de certas peculiaridades Pepel.

Consideramos na nossa pesquisa que no ponto de vista Pepel e de modo geral africana, os aspectos ligados à religião não são muitos descritos, isto para além da escrita a sociedade Pepel é conhecida pela sua força da oralidade, e por meio desta realidade a escrita apresenta pouca importância. De forma geral, desconhecimento dessas realidades nas sociedades pouco aproveitadas nas academias guineenses, pois se torna um problema social, dando espaços às culturas externas. A complexidade do passado africano torna a identidade um elemento importante como a forma de tomar consciência histórica, ele é um elemento importante para justificar as civilizações negras no mundo. Analisando isto, na sociedade Pepel constata a complexidade de saber do mundo por além, a parte humana sempre busca a orientação do plano espiritual, o aspecto religioso se constitui a base da orientação social do povo Pepel. Ainda existem outros aspetos que distinguem o povo da etnia Pepel na sua fase do desenvolvimento como: Rónia ³Irã e a herança, como umas das últimas fases da vida humana.

³ Irã: significa a entidade da natureza considerada em certas circunstâncias entre os pepelis como sagrado, e sua percepção nessa sociedade estabelece a relação do mundo visível e invisível.

Toda essa ferramenta da organização social Pepel, baseado fortemente na tradição, às vezes são incompatíveis com a lógica do procedimento de Estado de Nação. Visto isto, apresenta a incompatibilidade da perspectiva do ponto de vista do desenvolvimento e a forma tradicional de ver o mundo.

4 HIPÓTESES

H¹- A cosmovisão de cada povo lhe permite criar suas crenças, que venha ser instrumentalizada nos períodos eleitorais tirando proveito político através das identidades étnicas, o que deixa cada vez a sociedade guineense fragmentada, por causa disso, dedicaremos a analisar a contribuição dos pepéis na preservação da identidade nacional.

H²-Visto que a complexidade da sociedade guineense sobre a espiritualidade das realidades visíveis e invisíveis gera certos problemas sociais, bem como no povo Pepel composto por uma filosofia desconhecida pelo seu próprio povo, razão de muita descrença e desconfiança.

Podemos constatar que após a separação da religião e o estado persistem dois governos, o governo político (Estado) e o governo espiritual (religião) que no passado o colonialismo não só busca explorar o plano físico do homem preto africano, mas também o plano espiritual como isto for feito na Guiné-Bissau.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

- Analisar a participação do povo Pepel na construção da identidade guineense.

5.2 Objetivos Específicos

- Analisar as principais fases do desenvolvimento Pepel (nascimento, iniciação, casamento e a morte);
- Analisar a composição e a estrutura das famílias Pepel;
- Compreender papel da mulher dentro da etnia Pepel;
- Pesquisar a cosmovisão dos papéis no que tange a natureza e a espiritualidade e compreender sua importância social;
- Pesquisar como os Pepel se compreendem o avanço da modernidade na preservação

da identidade cultural Pepel.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 Nascimento do Menino Pepel (Barriga Pepel)

Conforme nas relações estabelecidas o Pepel é considerado a quem nasce na barriga de uma mulher da etnia Pepel, considerando qualquer tipo da mistura tanto das outras etnias e como das nacionalidades diferentes, a forma que os pepéis se identificam tradicionalmente passa por cinco categorias sociais: pertença à barriga, nascimento a iniciação, casamento e a morte devido estes parâmetros estende por uma concepção da organização social e a cosmovisão sobre a morte e se explica separadas pelos ritos dentro do tempo como explica Domingos (2011. p. 7), a pensar a relação do homem e o tempo na sociedade africana tradicional explica que "as principais etapas da vida (nascimento, iniciação, casamento, e morte) são separadas umas das outras pelos ritos de passagem, com tempos distintos, e tudo tem seu tempo".

O nascimento de uma criança Pepel numa comunidade procura saber seu destino e compreender a sua missão e, ao mesmo tempo, a proteção espiritual que guarda o crescimento da criança, Oyèrónké (2018. p. 6) "Um dos rituais mais significativos realizados quando uma criança nasce, é ir a uma consulta com babalaô (oficiante de Ifá), para decifrar o destino da criança, "divindade", preside seu destino".

Por nascer e pertencendo à etnia Pepel, já tem todo compromisso herdado dos seus pais e das suas gerações "djorsons" de entidades religiosas tradicionais visando à proteção, mas pelo contrário, isto guarda um compromisso moral que deve ser cumprida para se livrar de certos problemas na vida, isto se estende a muitas pessoas que fazem parte dessa etnia.

Entretanto, os pepéis como os outros povos que compõem a Guiné-Bissau, tem suas culturas diferentes ou em certos pontos são parecidas, neste caso, entendemos que os diferentes procedimentos de práticas culturais é uma "construção social" baseado nas suas experiências com o mundo.

Razão disso, ainda se veicula práticas dos antepassados que na contemporaneidade é o objeto dos problemas sociais tanto na tradição, política e como no gênero, por isso entendemos que, adotar as novas exigências sociais, não é negar a cultura, mas é melhorá-la. Com isso, compreendemos que diversos problemas vividos nesse meio são a consequência do "medo" da

evolução endógeno das regras estabelecidas como padrão nessa comunidade no passado. No entanto, tivemos a consciência de que tudo está em transformação, e não é questão da modernidade ou da valorização, nem tão pouco do socialismo, comunismo ou capitalismo, isso deve recair nas melhorias das relações da "comunidade". Dessa forma, permita-nos que a história deste povo seja contada a partir de ponto de vista sociais e antropológico e não da visão política dominado pelo passado colonial, marcado como a era dos descobrimentos.

O nascimento da criança, na visão Pepel, é vista, em certos casos, como a reencarnação. Tradicionalmente a sociedade Pepel acredita na reencarnação da alma que implica o questionar da nossa pesquisa para conhecer a dualidade do mundo do plano físico e espiritual desse povo. Para eles, a criança nascida primeiramente sai de mundo espiritual ao físico, e em casos especiais é vista certas crianças nascidas simbolicamente através do hábito do familiar falecido e aparências dos costumes dele como a alma reencarnado trazendo a proteção à família, porque na concepção dele o ancestral que é má não se reencarna.

Procuram-se saber se a criança tem algum tipo de interferência de defuntos, e quando nascer eles vão nessa instituição saber das origens para atribuir o nome. E esse processo são feitos na baloba⁴ que recebem nomes e são colocados na bambaram.

6.2 Iniciação (Pleké/Fanado Pepel)

O fanado Pepel é o processo da circuncisão masculina realizado nos tempos distantes entre outro, nos lugares distantes das morança, ou seja, no meio da natureza, é reconhecida como a fase essencial para uma nova vida social, é uma tradição antiga passada de geração a geração, ABIPINTE (2016. p. 45,) "o fanado é o principal ritual que dá acesso a outros rituais na etnia Pepel para os homens", para INDI (202. p. 11), "O ritual está cheio de significados culturais e nele são passados os ensinamentos sobre que é ser homem, como este deve e não se comportar", "a moralização do indivíduo" o seu benefício não só se encontra na retida da fimose para o bem da saúde, mas na riqueza e orientação cultural e social que se propõe, neste povo não existe a circuncisão feminina. Sua iniciação passa por um processo de agregação de conhecimento que segundo Gennep, qualquer rito passa por processo de separação, margem e a agregação, seu cumprimento nessa sociedade torna a pessoa ser homem não pela idade, mas sobre conhecimento agregado.

⁴ Baloba é uma instituição sagrada, criada na sociedade Pepel, servindo como um elo de comunicação entre os mortos e vivos através da conexão com as tradições e outras cerimônias tradicionais preservadas por esta etnia. Nela os intermediários são os homens e as mulheres que praticam os seus rituais sagrados.

Genep (2013), caracteriza ritos de passagem em três categorias: ritos de margem, de separação e agregação e todos com diferentes especificações para ele, as sociedades de forma geral é um processo de transformação constante, suas transformações implica novas regras e condutas sociais, da mesma forma a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, término começo, progresso de classe, casamento e a morte GENNEP, (2013).

A formação de um indivíduo Pepel consta num projeto coletivo, uma responsabilidade social comum, os ritos de iniciação correspondem ao processo de preparar a pessoa para viver nos meios sociais e é inteiramente a responsabilidade assumida coletivamente na comunidade. Pois, sua importância na sociedade, Pepel é cobrado em certas cerimônias e funções sociais, existem restrições de acesso a benefícios de conhecimentos e de lugares que não podem participar, enquanto na língua Pepel a forma de distinção desse cumprimento se chamam de homem velho (nhinrs néck).

Na sociedade Pepel, o segredo é elemento fundamental na construção de seus pilares e conhecimento filosófico, a senioridade ajuda regulamentar as fases de saberes, mas, outrora não, a senioridade não assume grande importância depois que a pessoa mesmo de qualquer faixa etária passa por um processo ritual ou de cerimônias. Para Indi (2021. p. 11), “Fanado de barraca ou pleké” possui um peso enorme na construção do indivíduo homem Pepel, pois ele é capaz de quebrar a autoridade vinculada à senioridade em benefício do iniciado.”

Os elementos da aprendizagem e de passagem de conhecimentos são totalmente da tradição oral, o processo da decoração é constante, a responsabilidade e o conhecimento adquirido neste local é o que diferencia dos que não aprovarem. No fanado a identidade se figura como elemento importante, desde pertenças as gerações a família, os tios de dois lados dos cônjuges têm papel fundamental na ida do sobrinho a barraca, no caso da ausência, os pais assumem, existe um elemento mais interessante, mas, triste ao mesmo tempo, o “sacrifício”.

Neste sentido, o sacrifício é visto como os dois lados da moeda, para construção das personalidades dos seguidores basicamente mostra que “a vida é complexa, não só existem momentos bons da vida, mas na vida também existem momentos baixos ou maus”. O importante é sacrificar para aquilo que pretendes ter, construindo indivíduos moralmente já experientes de condutas sociais para lidar em qualquer meio social e para servir a sociedade como bons homens e seres humanos, tendo como pontos principais a educação, saber, e a purificação.

Pela questão moral, e também como pesquisadores acadêmicos, assumiremos transmitir e explicar com certas linguagens simbólicas o que rituais de fanado significa na medida da nossa possibilidade de captar informações durante a construção deste trabalho. Isso implica

como Santos (1994. p. 43), explica que, nenhuma cultura é autocontida e aberta.

6.3 Casamento Pepel

Casamento Pepel, se figura no casamento tradicional do povo ou etnia Pepel, é feito entre um homem e uma mulher que pretendem casar, sua realização só ocorre quando uma pessoa da mesma etnia pretende realizar a cerimônia “mari” a realização com outro que não pertence ao grupo, o procedimento flexibiliza e adota novas medidas possível para o momento ser realizado. Nos pepéis não é permitido o casamento de pessoas do mesmo djorson, porque se considera que estas são da mesma linhagem materna (djorson).

As cerimônias de casamento são acompanhadas de ritos, canções e danças, a tradição oral é meio para a legitimação do evento. De acordo com Pires (2013), todas essas ações de tradição da etnia Pepel, “são passadas geração a geração em que dizer não precisa ser dito, cultura da oralidade. Nesses momentos rituais, se encontram por além da cultura da oralidade, são momentos dedicados a conhecimento profundamente tradicional”. A legitimação dos cônjuges depende desse processo. Ainda para Pires (2013), afirma que, “o casamento Pepel possui características próprias de sociedades orais nas quais a linguagem tem um poder maior do que o de qualquer documento escrito”. Abipinte (2016. p. 32), para os Pepel, “mesmo que o casal tenha muitos filhos e se case em cartório (registro civil oficializado pelo governo), se não houver o casamento tradicional, as pessoas não são consideradas casadas”.

O casamento permite com que a pessoa tenha valores e dignidade perante seu povo e são acompanhados de algumas particularidades por pesquisadores como, Roque (2011. p. 37), “o casamento não é necessariamente encarado como uma união entre duas pessoas nem se realiza em função do amor romântico, mas sim como consumação de trocas entre famílias, quase sempre, mediante o pagamento da noiva”, Pires (2013), “O casamento entre dois jovens Papéis não nasce da vontade dos cônjuges nasce do acordo familiar com as intenções de garantir a continuidade da etnia Pepel” (ABIPINTE, 2016. p. 52.) o processo de realização dos casamentos atuais sofre mudanças em relação ao processo antigo, isso se aplica uma realidade de transformação da cultura e novos hábitos adotados.

Existe uma discrepância entre o que a lei estabelece e o que ocorre com a perpetuação das práticas tradicionais, como visto em Moçambique em 2003 sobre a prática tradicional e a nova lei civil da família, aprovada em 2003. Esta lei substituiu a herdada do período colonial, a visão genderificada da família, a fim de proteger direitos das mulheres e crianças, e as práticas poligâmicas são ignoradas o “lobolo” e as possibilidades da rejeição do modelo patrilinear

(ABOIM, 2008. p. 277).

Fatos que as realidades são idênticas alguns sistemas da organização social ancestrais faz problemática no contemporâneo, a transformação endógena poderia servir como a formas de diminuir a contradição entre a lei civil e as tradicionais dos pepéis, como nos sistemas de casamentos de poderes locais.

Na cerimônia de casamento, Pepel é imbuído de processos e rituais, Pires (2013) Importância do cão, “O sacrifício do animal, especialmente o do cão, traz consigo um símbolo de união. O cachorro não pode faltar, sem ele não há união, o canino tampouco pode emitir mais de um choro”.

No mesmo processo, o corte e o nascimento do cabelo da mulher significa a construção da nova relação com os familiares do marido e o mesmo procedimento ocorre quando o marido falecer como ato de luto.

Na construção do matrimônio, nos pepéis as regras estabelecidas, a mulher só pode casar uma vez e por que mesmo com a separação com o marido a ligação matrimonial estabelece a relação as duas incluindo filhos nascidos com outro será considerado do primeiro marido, poligamia como a lei que permite o homem ter mais de uma mulher, faz parte dessa sociedade. Segundo Cabral (2016), "a poligamia trata-se de uma união conjugal que permite o homem casar com mais de uma mulher. É legitimada pelo regime patriarcal tradicional, que manipula e controla a sexualidade da mulher", segundo VIDAL (2023) a refletir sobre a pratica da poligamia na africa disse que, "a poligamia na África é uma prática cultural que suas essências visa o equilíbrio social, espiritual e política, é um casamento múltiplo que suas concretizações dependem também da mulher, a complexidade da família na África".

A relação da família permanente na visão africana para Oyèrónké (2004. p. 5), existe processo na qual o papel da mãe é independente dos seus laços sociais com pai, por uma razão óbvia, das culturas africanas, as "mães por definição não podem ser solteiras".

Tendo em conta a organização da família baseada nos modelos antigos da idade relativa, não o gênero, ainda afirma que, na maioria das culturas, a maternidade é definida como uma relação de descendência, não como uma relação sexual com um homem, nos povos pepéis a ligação é permanente desde sua aceitação a realização de casamento.

De acordo com Roque (2011), a sociedade guineense é constituída pelo regime “patriarcal e matriarcal” com a predominância do patriarcalismo, os membros da linhagem são definidos a partir do elemento masculino, além de ser patrilinear, é patriarcal", que determina o

parentesco pela via mãe e pai,⁵

O homem sempre é chefe de família: independentemente da localização – regional, urbana ou rural – da religião e grupo étnico, e mesmo da idade e do sexo, esta é uma regra transversal incorporada nas percepções e vivências. Verifica-se uma grande dificuldade, em alguns casos, mesmo, impossibilidade, de imaginar relações horizontais e de parceria, de imaginar qualquer outra forma de organização da família e das relações de gênero, (ROQUE. 2011).

A partir dessa visão, a matriarcado africano construído no passado a viver em comunhão com o patriarcado, pode-se encontrar numa relação de dominação devido o predomínio patriarcal ao longo do tempo, perdendo a essência do matricentrismo (DIOP apud OLIVEIRA, F 2018. p. 322), a mulher que recebia dote no casamento, o homem era quem levava clã para viver junto da mulher, exemplo: autoridade econômica e política exercida por rainhas que governaram como nas civilizações egípcias e kushitas.

O sistema de casamento dos pepéis é tradicional considerado também os que são realizados nas instituições religiosas e jurídicas, segundo ROQUE (2011), todas essas formas do casamento estão vinculadas com a submissão da mulher. Entre os pepéis existe a realidade de casamento arranjado e forçado como explica:

Consideramos que o casamento arranjado ou forçado é a matriz de todas as violências com base no gênero, ou seja, dela desencadeiam todas as outras formas de violência, porque quem pratica o casamento arranjado ou forçado, também pratica a poligamia e outras formas de violência e de prevaricação das mulheres. Assim, cultura do casamento arranjando está fincada na poligamia, sendo que nenhum homem que pratica a monogamia aceita uma esposa arranjada (CABRAL, 2016. p. 31).

Na sociedade Pepel a prática de arranjar casamento a menina(o) se constitui uma realidade arrastado a gerações suas existências segundo Roque (2011. p. 60),"baseia-se em “a manutenção do grupo e da sua identidade; no controle da sexualidade e das mulheres”.

6.4 A Cosmovisão Da Morte No Povo Pepel

A morte, na cosmovisão Pepel, é um processo de passagem e da vida material para imaterial, as pessoas mortas se consideram como ancestrais, e é programada a fazer parte do plano do sagrado e a sua força vital e passa a enriquecer o mundo físico desse povo.

⁵ VIDAL, Artur Felipe. Vídeo (10 min). A poligamia na Africa. Publicado pelo Fly Skuad. Disponível em: <https://youtu.be/ZvCawAtI2s> . Acesso em 10 de Junho de 2023.

A vida e a morte sucedem e é um movimento contínuo, e a morte é apenas a etapa da vida, a morte abrange as esferas mais importantes da vida africana, o ato da morte é o processo da restituição da comunidade, e dos papéis mais importantes. É um equilíbrio da comunidade,

Os cultos aos ancestrais é um dos elementos mais constantes na cultura africana. Pode-se mesmo dizer que é um fenômeno universal em praticamente toda a África negra. [...] Está constante na cultura africana e na cultura negra em geral, é a pedra fundamental da cosmovisão africana, pois o culto aos ancestrais sintetiza todos os elementos que a estruturam. Aliás, aqui o movimento é o universo: a cosmovisão africana retira do culto aos ancestrais praticamente todos os seus elementos. (OLIVEIRA 2018. p. 80).

O homem se vê em harmonia com aqueles que são vivos e com aqueles que partiram. A religião tradicional Pepel constitui o fundamento desta relação entre espaço visível e invisível.

A morte marca a etapa da separação dos vivos e dos mortos, mas estes continuam fazendo parte do plano social humana, essa relação se encontra no plano espiritual, muitas das vezes sua realidade se encontrava na existência das várias esculturas africanas, nos pepéis estes indivíduos ainda fazem parte da família, as origens das casinhas em frentes das casas frequente e entre os pepéis, feitas às vezes nas esculturas de madeiras, conforme explica DIOP apud VIDAL (2023).

Que toda escultura africana era feita na perspectiva de ser um duplo ente falecido ou do ente passado que faleceu ou duma entidade da natureza que precisa estar entre nós, é um duplo para que aquele ser seja alojado, porque a madeira aloja a vida. Este processo acontece, quando um corpo não está totalmente evoluído para receber um espírito, e africanos há muito tempo, faziam suas esculturas, às vezes quando essa entidade aparece, ao invés de ficar dentro do corpo, alojava-se naquela escultura como uma casa, (2023).

Ainda neste processo se encontra o ritual de toca choro (toca tchur) momentos que reflete a evocação aos espíritos de defuntos, Oliveira (2018.p.135), "os sacrifícios e oferendas são as trocas essenciais para a restituição da vida social, entre os pepéis tradicionais não existe morte natural, todas as mortes têm suas causas, por isso se fazem cerimônias após funeral".

⁶Essa visão faz parte dos seus planos religiosos, os saberes tradicionais pepéis se encontram em articulação com a ancestralidade, o passado é elemento essencial para perceber essa cosmologia que se opera no tempo todo na base da integração.

⁶ Enquanto isso, devíamos questionar sempre o que é a nossa identidade, como nós percebemos ela e como encaramos elas, frentes as nossas complexidades culturais, como a forma de construir outros tipos de relações, e comunidades mais aberta e salutar.

7 A COMPOSIÇÃO E AS ESTRUTURAS DAS FAMÍLIAS PEPEL

Na Guiné-Bissau existe diversidade social humana representada pelas diferenças culturais étnicas, nas religiões se encontram evangélicos, muçulmanos, e as tradições locais e outros. No passado, a etnia Pepel, Mancanha e Manjaco compartilhavam uma relação de laços culturais que significa uma configuração do mesmo grupo étnico Brames separado pela colonização. Conforme Pires (2013), e Nanque (2021. p. 13), as estratégias utilizadas pelos colonos foram criar a desunião depois para melhor se conquistar, isso atingiu brames como origem que instalaram as diferenças artificiais das identidades com as justificativas de que os povos não conformavam com a mesma etnia.

Tradicionalmente a composição da família Pepel são estendidas e alargadas a forma que é considerado neste meio através das suas ramificações das gerações (djorsons), visto que, as sete linhagens que compõem um povo que se separa através das sete gerações e as suas formas de organização social compreende a ancestralidade ligado a poderes locais.

Segundo Domingos (2011. p. 3), "o homem participa e faz parte da grande família que compreende os ancestrais, os vivos e os que hão de vir no tempo potencial" e ainda na mesma página (2011. p. 3) suscita que, independentemente da estrutura familiar na África é estendida e complexa mesmo em profunda transformação, é a família que continua como suporte do indivíduo e a família serve como refúgio em diversas situações adversas da vida.

Existem os poderes locais que compõe organizações reguladoras das suas políticas tradicionais, é atualmente dirigida por uma organização para a promoção da cultura tradicional Pepel (OTEPE), reguladora das suas políticas étnicas, resolução das divergências sobre a propriedade na região de Biombo e sector Autônomo de Bissau. Até a presente data é composta e representada por quatro (4) setores: Ondami (setor Quinhamel), Prábis, Safim e Bissau. Estes estão ligados por nove reinos e regulados que são: Biombo, Tôr, Bigimita, Safim, Antula, Cumura, Prábis, Quisset e Reino de Ndjaca (Nti).

Todos elas estão reguladas dentro da Constituição da Guiné-Bissau como poderes locais. É claro notar que, a dimensão do espaço para os pepéis se mede pela ocupação que envolve toda a cultura, crença e tradição da etnia Pepel e não só pela demarcação física, por isso, existe uma ligação entre os tais em diferentes lugares povoados no país.

conforme as narrativas sociais existe duas realidades sobre a chegada dos primeiros Homens conhecidos na história da etnia Pepel são, Kinampla Có de reino de Tôr e Ndjirapa Có de Biombo, os irmãos, chegaram a Bissau de canoa desembarcaram, separaram com o mais

novo no Tôr e mais velho para Biombo e na história oral, pepéis se considera a Bigimita como o bico da sua origem onde desembarcou um homem velho com suas seis (6) mulheres e sua irmã, todos de diferentes djorsons, ligado à etnia Biafada e cada uma dessas mulheres tem seu nome pertencendo uma geração (djorson) nos sete existentes.

Naquela origem dos Biafadas as sete gerações são:

Bassó-Mala-Bandim-Totem Sapo-Có

Bassafinté-Djokom-Safim-Totem lebre-Té

Batat-Intchopolo-Bissalanca-Totem macaco-Indi

Baíga-Kliker-Atual Calequir-Totem cabra mato-Sá

Badjucumó-Intsoma-Alto Crim-Totem Hiena-Cá

Bassuru-Intende-Mindara-Totem Timba (urso formigueiro) -Djú

Bassasso-Mecau e Pedjenhum-Bissau (Djagra)-Ié e Nanque

Nestas sete gerações os filhos(as) assumem sobrenomes do pai e nos Djagras isso é meio obrigatório carregar o sobrenome “Djagras” devido aos pertencimentos maiores. Por esta hierarquia de poderes, o sobrenome Djagra “Ié” só é atribuído a dois reinos nos nove que compõem a realidade dos pepéis, reino de Tôr e de Biombo, e os outros Djagras de qualquer lugar assumem sobrenome Nanque.

ABIPINTE (2016. p. 45), "entre os pepéis tudo é separado e dividido, as formas como se organizam localmente no território e nas djorsons, para ele apelido pertence às mães devido importância das mulheres nessas sociedades", de acordo com Batista Té, representante do OTEPE afirma que, todos sete gerações se consideram como as gerações das mulheres e “radicalizam que o filho(a) pertencem à mãe”, e são atribuídas sobrenomes dos pais.

A no seu molde utiliza a palavra "raça" na língua Pepel para distinguir o outro, por exemplo, mesmo para desnaturalizar o mesmo irmão que comete erro, claro que, o conceito etnia não "existe" nessa língua, e como a língua carrega todo conhecimento e cultura de um povo, os pepéis utilizam o termo chão (tchon) para distinguir localidades ou terra, basicamente isto pode ganhar significado dividido como a estrutura e regiões que compõem a Guiné-Bissau foram "povoadas".

A partir dos contatos com os colonizadores na ilha de grande Bissau, lugares onde encontrava este povo, para ser exercida como capital do país a partir de 1941, mediante uma dificuldade enorme dos portugueses implementar sistema de pagamento do imposto, surgiu um nome inconscientemente para pepéis a distinguir os que reclamavam sempre dos pagamentos com os pepéis como explica:

Nanque citando Semedo Sobre a origem da denominação Pepel:

Conta-se que o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar os impostos de palhota e de cabeça impingidos pelos colonizadores e, sempre que recebiam a notificação de pagamento, levavam o “Papel” diretamente à administração, reclamando serem eles os donos do chão e que por isso não deveriam pagar nada. Assim, sempre que os homens apareciam, os brancos exclamavam “aí vêm os homens do Papel”. SEMEDO (2010. p. 53) apud NANQUE (2021.p.13).

CAMPOS (2013) apud NANQUE (2021. p. 14.) e PIRES (2019. p. 32) apud ABRANTES (2011. p. 38), lembram que na tradição oral e quanto às fontes escritas antigas relatam sobre a origem dos pepéis dentro dos povos Biafada e a relação vista, mediante uma baloba que por factos desconhecidos se comunicam em duas localidades diferentes situados na província norte e sul da Guiné-Bissau, na qual é possível escutar intervenções de que, "aqui em Quinara é contado que os papéis, ou parte dos papéis saíram de Quinara".

A linhagem é um sistema familiar de relação afincado no pertencimento de sangue, em certas circunstâncias a djorsons.

Julius Nyerere apud Domingos (2011. p. 3), "a família estendida é o fundamento do socialismo africano “Ujamaa” e ele não está definido apenas pelo sangue nem pela linhagem, no humanismo africano todos os homens são irmãos".

Nos pepéis as categorias de parentesco que codificam a antiguidade e não o gênero, sua configuração da família está baseada na forma da linhagem consanguínea, isso explica a forma antiga no presente dos pepéis na qual o pertencimento é interessante na distinção das pessoas, como povo, geração e pertencimento a morança.

Neste caso, o conceito de matrifocalidade em relação matrilinearidade que se encaixa em muitos sistemas africanos que qualifica a mãe como aquele em que a relação familiar é organizada, entre pepéis profundamente não tem como pensar pertencimento do filho fora da mãe, embora assumindo sobrenome dos pais no sentido contrário é imposta pelo sistema patriarcal colonial. Nanque (2021. p. 12), "regime matriarcado a mãe considerada, o parentesco conta-se pela linha materna e o chefe da família não é o pai", e, portanto, nos pepéis por tanta consideração a barriga, o tio irmão da mãe, herda-se precisamente a posição social da mãe, responsável pela educação dos filhos.

Para Roque (2011) de forma geral, a matrilinearidade quanto a Patrilinearidade existe na Guiné-Bissau, como em outros países africanos, as sociedades estruturam-se ainda em torno da família com base na linhagem e não na aliança (casamento). Apesar das mudanças sociais verificadas, este tipo de organização é ainda a base da constituição da família, por isso, tem

como a base do parentesco a linhagem e não a união dos cônjuges para transmitir o parentesco, reconhece que as duas seja ela patrilinear ou matrilinear ambas existem na Guiné-Bissau (ROQUE, 2011. p. 37)

Oliveira apud Diop desconstruindo um pensamento do primitivo formado sobre a matrilinearidade e matriarcado como os que encontram num processo evolutivo dos estudos antropológicos de década 1930, afirma que, o matriarcado e o patriarcado se constituem ao mesmo tempo, em espaços diferentes e matriarcado não era organização universal, na qual a herança biológica e quanto o poder era ilimitada da mãe,

Matriarcado o poder exercido pela mulher nas sociedades africanas derivava da importância sagrada que era concedida à maternidade, que era visto como algo quase divino, diferenciando a posição e a experiência social das mulheres africanas em relação às europeias. O âmbito familiar não era assim restrito, como na sociedade patriarcal, ao âmbito doméstico. OLIVEIRA F, apud AMADIUME (2018. p. 325).

Amadiume; Oyèrónké (2018)," sustentam que, a patriarcalidade quanto a matriarcalidade convivem juntos em África, e apontam o matricentrismo como poder dominador da relação, através das suas construções baseados nas ideologias, valores de amor". Já nos pepéis conforme Abipinte, (2016. p. 43) [...] "para as mulheres a questão de djorson é importante já que os filhos sempre pertencem a elas. "

A organização social dos pepéis é baseada na senioridade, definida pela idade relativa que reconhece as relações sociais ao invés do tipo do corpo, com o sistema de herança matrilinear sobre a relação do tio e sobrinho e de geração (djorson). Desta forma, quando um homem velho precisa deixar seu lar ou morança e assumir a responsabilidade das outras famílias como chefe do lar da mesma geração, sendo que, a idade cronológica não é base fundamental nessa cultura.

A etnia Pepel segue esquema matrilinear de uma base familiar não nuclear. Sendo assim, a patrilinearidade enfrenta um sistema baseado na lógica de que a responsabilidade da família passa pela mulher ou mães. Todas as sete gerações se consideram como as gerações das mulheres para os homens pepéis, as filhas (os) pertencem à mãe, e assumem sobrenomes dos pais e das mães em casos específicos.

8 PAPEL DAS MULHERES DENTRO DO POVO PEPEL E A KATANDERA

Na etnia Pepel, existe separação de poderes entre mulheres e homens baseado na lógica de tradição passada, as mulheres têm suas cerimônias rituais que os homens não se participam através das instituições e políticas matriarcais, e também os casamentos são um dos rituais que as mulheres participam dentro da etnia Pepel. Por outro lado, apresenta diferenças a relação aos

dos homens, as mulheres do modo geral, na visão deste povo, o sistema parental é transferido por via da mulher, nessa lógica, elas são atribuídas as grandes responsabilidades sociais em relação aos homens, que poderia ser compreendida através dos rituais yanda kabas⁷ e a katandera.

Sobre a continuidade da identidade Pepel, ela se realiza por meio de transmissão materna e como por bem o filho é fundamental e é possível escutar que Pepel é filho da barriga (Pepel i fidju di barriga) claro que, para os pepéis como se encontra socialmente dita nos provérbios guineense que: Fidju kata padidu trás di si mamé (O filho não se nasce atrás da sua mãe).

A palavra é uma metáfora, considerando que a criança é possível nascer na ausência do pai, mas, não na ausência da mãe, e também significa que só a mãe sabe que pai o filho pertence. Quanto isto, o filho na etnia Pepel pertence à linhagem da geração da mãe (djorson di mamé), porque a linhagem dos pepéis são das origens das sete mulheres, e outros fatores têm a ver que durante o período da gestação a mãe que é a principal responsável da criança para mantê-la viva dentro do seu ventre até ao nascer. A comunicação com a mãe é constante e qualquer problema que atinge a mãe afeta diretamente o filho na sua barriga. Este grande papel dela, tem influenciado muito neste processo que dá ao filho o direito de pertencer à mãe, já que é a única que sabe de quem é o filho e como cuidar dele e defendê-lo de várias ameaças e consequências no decorrer do crescimento na barriga.

Oliveira (2018. p.325) apud Amadiume "o matriarcado é o papel que a mulher assume enquanto mãe, numa unidade matricêntrica e poder exercido pela mulher era vista como sagrada, as relações familiares não era assim restrito, como na sociedade patriarcal", pois, além disso, mostra que o matricentrismo não representa a ausência do poder político central exercido pelo homem.

Conforme Roque, nas religiões as mulheres adquirem estatutos especiais como divindades ou sacerdotisas, muitas das vezes excluídas ou destinadas rituais à parte dedicadas a tratar as “questões femininas”. Nas diferentes realidades africanas, as mulheres são as mais aptas a comunicarem com as forças da natureza e as divindades e quanto nas histórias políticas e nas reinado antigas, na contemporaneidade a realidade vista de inversões de valor e poderes na apropriação dos bens de forma geral as mulheres não são tão bem tratadas assim, (ROQUE. 2011. p. 43).

O problema radica, por um lado, na discriminação das mulheres no que diz

⁷ Yanda Kabas e um ritual de entregar oferendas às entidades sagradas, são processos contínuos de voltar a comunicar com os ancestrais.

respeito às regras de costume sucessório – em diferentes etnias as mulheres estão afastadas da propriedade, quer enquanto cônjuges, quer enquanto filhas, sobretudo no que diz respeito a bens imóveis; por outro lado, decorre do facto de o próprio Código Civil guineense não assumir a posição sucessória dos cônjuges com carácter privilegiado As regras são bastante diversificadas [...] (ROQUE, 2011, página).

Na realidade Pepel, as tradições antigas ainda fazem parte da organização social e política dessa sociedade. Cabral (2016), "afirma que o homem criou regras que nem sempre são boas, algumas tradições vieram a prejudicar fisicamente e psicologicamente a camada feminina".

Para Nanque (2021. p. 14), podemos entender que o grupo social Pepel como matriarcado. Porque, forma, social, econômica, política e culturalmente são majoritariamente ocupadas por mulheres. Essas sociedades não são espelhos das sociedades patriarcais, invertendo o gênero dominante.

A partir dessa visão, como se explica o papel do matriarcado ou o matricentrismo, com indícios de casamento poligâmico, casamento arranjado e a herança dos bens dentro do povo Pepel. A distinção dos conceitos matricentrismo e a matriarcado, A matrilinearidade não é definidora do matriarcado, podendo este existir em sociedade patrilineares, a matrilinearidade compreende sociedades patriarcais onde autoridade política são homens, mas o patriarcado e matriarcado se convivem e não opostos aos outros e não existe a dominação feminina, OLIVEIRA apud AMADIUME (2018),

8.1 Katandera Pepel

A katandera é o tipo de ritual Pepel feita pelas mulheres pepéis, que destina ao processo da reafirmação ou voltar a maternidade, ligada à ancestralidade. Seu processo ocorre através das baloba de gerações.

A katandera é o processo de devolver ao leite feito exclusivamente pelas mulheres, a devolução do leite na morança onde a sua geração pertence, porque nos pepéis se considera a barriga (mulher), a pessoa é destinada a ter filha num certo baloba para a continuação de djorson. E a baloba cuida das suas famílias.

Esse processo de katandera é feito na baloba da sua origem de geração dos pepéis, é exclusivamente a mulher porque ela é que tem o leite no seu peito, a responsável por parir a criança e amamentá-la.

9 A COSMOVISÃO DOS PEPÉIS SOBRE A NATUREZA E A ESPIRITUALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

Oyèrónké (2004. p. 8), "quando realidades africanas são interpretadas com base nas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações e muitas vezes falta de compreensão". Para Mudimbe (1988. p. 2), "os africanos e como ocidentais, têm usado categorias e sistemas conceptuais baseado na ordem da epistemologia ocidental, de forma consciente e inconscientemente para falar sobre saber africano ou a filosofia africana", baseado nos saberes que não faz parte da filosofia africana e da mesma forma que não faz parte dos conhecimentos científicos e para ele, a colonização da África marca momentos ainda pesado e controversa, novas formas históricas e a possibilidade de novos discursos sobre tradições e culturas africanas (MUDIMBE, 1988. p. 6).

De acordo com Domingos (2021. p. 1), mostra que "aqueles que tentaram obedecer às leis da vida, da natureza são entendidas nas sociedades modernas como tradicionalistas, irracionais e medíocres", segundo ele, a natureza e o homem africano se complementam através de uma profunda comunhão, o que por enquanto marca a visão tradicional africana sobre a natureza como a forma de encontrar o equilíbrio entre o homem e a natureza no universo.

[...] o homem estabelece relações místicas com ele. Esta ontologia antropocêntrica é uma unidade completa. É uma relação de solidariedade na qual não pode haver ruptura ou destruição. E se acontecer o contrário, causa desequilíbrio do próprio homem, da natureza, enfim, de todo o Universo. Destruir ou remover uma destas categorias é destruir toda a existência, incluindo a destruição do Criador. A soma desses elementos constitui uma força, poder, energia que penetra em todo o Universo. É Deus a Fonte Controladora desta força, mas os espíritos têm acesso a uma parte dela. Poucos seres humanos têm a sabedoria e habilidade de lidar, manipular e usar esta energia/força, como ngangas, babalorixás, Ialorixá, babalaôs, etc. a qual é usado por uns para o bem e por outros para tratar as doenças das suas comunidades. (Domingos, 2011. p. 4).

A religião dos papéis está intrinsecamente ligada a todos os outros aspectos da cultura, na Guiné-Bissau e nos povos Pepel tradicionalmente a natureza não é vista como os recursos minerais, compreende a filosofia Ubuntu/Bantu, a natureza e as árvores são sagradas, para entender essa sociedade, existe árvore guardiões da comunidade, da família e árvores que são ancestrais de pessoas.

A maioria do povo pepel segue as suas crenças locais (modo de vida dos seus ancestrais), em certas ocasiões, em ritmo de dança, ao som de batidas de tambores, com oferendas de vegetais, minerais e sacrifícios de alguns animais, os responsáveis na baloba invocam seus orixás para que os incorporem em

seus rituais. Tendo uma minoria que professa a fé cristã. Portanto, para os papéis, suas crenças determinam as principais normas que regem as sociedades. Na religião deles, existe um Uzi (Orixás) Supremo e de inúmeros espíritos invisíveis, onnipotentes, onnipresentes e onniscientes, denominado de baloba, que pode adquirir várias formas para se manifestar e comunicar com seres humanos, (NANQUE, 2021. p. 15)

A partir dessa cosmovisão o universo africano quanto dos pepéis constrói-se os saberes, assim, a oscilação entre o mundo irreal dos espíritos e o mundo surreal duma existência social precária é constitutiva das relações e factos sociais em África (MACAMO, 2022). Esses fatores, mistas, são as complexidades do social dos pepéis, onde cada passo e momento encerram várias narrativas e diversas problemáticas. Nanque, sobrepõe que esse povo têm um passado de seus ancestrais que já não existem fisicamente, mas existem em espírito, tendo uma forte conexão com os humanos a partir das sua fé através dos espíritos Irãs (Ossai) e defuntos (a pessoa encarnada), Irans (Ossai), os espíritos, que explicam o destino do homem (NANQUE, 2011).

Para Domingos (2011. p. 6), a vida humana é caracterizada permanentemente por possíveis rupturas, um equilíbrio instável. "E o homem age constantemente no meio da natureza para conquistar a sua "força vital", para manutenção do seu equilíbrio espiritual através das diversas maneiras existentes na África". Na vegetação, conforme a visão do mundo africano, os homens da religião tradicional africana respeitam e preservam profundamente a natureza como um ser que faz parte dela, bem como na Guiné-Bissau, se dirigem às florestas sagradas para realizar os ritos de passagem, de iniciação...

Num panorama, podemos notar que a cosmovisão dos pepéis está ligada em três momentos diferentes, passado, presente e futuro que sustenta saberes ligados através das suas potencialidades ao universo africano. Domingos (2011. p. 3) caracteriza a religião tradicional africana como os que são destinados a manter as relações com os ancestrais, as entidades que existem na natureza, os Orixás.

Nessa visão, o espírito intermediário do mundo real imaterial Irã cobre todos os seres e símbolos da religião tradicional africano-guineense, principalmente Pepel e faz parte da realidade imaterial da Guiné-Bissau, onde muitas das vezes apresenta como um símbolo do problema, o lugar onde predomina o bem e o mal da sociedade guineense. Se encontra em toda a dimensão da realidade social e religiosa dos pepéis movidos pela força dos humanos por certos fins,

Quanto isto, buscaremos saber se constituiu como as energias canalizadas por humanos, e se são seres que faziam parte da natureza sem interferência humana na realidade dos pepéis.

Na cosmovisão da tradição dos pepéis tem a ver com o que a terra na visão da sociedade

tradicional africano Bantu, a terra como a fonte da vida e está ligada a criação, para pepéis a terra tem guardiões ao necessitar de usar fazem ritual (DOMINGOS, 2011, pp. 8-9).

A finalidade da existência do homem na Cosmovisão africana está estabelecida no Universo e é influenciado pela ordem dos seres na natureza. Esta finalidade é independente dos desejos do homem, mesmo das suas aspirações mais sublimes. Alguns homens dão sentido à sua existência, orientados pela condição da sua riqueza simbólica, de sua família e pelas suas qualidades hereditárias, pelo poder religioso, acompanhados pelas doutrinas mitológicas e filosóficas. (DOMINGOS 2021.p.2)

De acordo com ele (2016. p. 10), a Terra para os africanos, antes de ser o espaço do qual o homem se apropria, é uma entidade espiritual na qual ele se encontra e essa comunhão do homem e a terra está no plano cosmológico.

Na tradição Pepel, não "existe" a separação entre a natureza e política, poder separado de religião, embora compreendendo as transformações, mas ainda paira a realidade em diferentes localidades que compõem este povo. Essa integração é a base da cosmovisão dos pepéis, princípio da integração social onde tudo estão interligados.

9.1 Espiritualidade, Religião/Tradição (Balobas)

A baloba é uma instituição sagrada, instituída para lidar dia a dia com a sociedade, a sua função se encontra nos intermediários dos homens e das mulheres. Além disso, existem diferentes tipos de Baloba, exemplo deles: baloba kansaré, baloba de djorson e baloba simples com funções diferentes.

A Baloba de djorson tem a ver com a questão de pertença a “identificação” ele como uma "instituição religiosa" na visão dos pepéis, serve como intermediação do mundo físico e espiritual, aonde pousam as almas. A sua existência interfere e acompanha a evolução e trajetória desse povo, visto que na Guiné-Bissau, existem muitas baloba em toda parte, dependendo de como são usadas e referenciadas. Vale ressaltar que, existe baloba de diferentes djorsons, nos territórios ocupados pelos pepéis no passado e isso perpassa a dimensão de ocupação física, já que cada família ou pessoa pertencente essa djorson de uma certa baloba realiza certas cerimônias quando é necessário considerado benéfico à vida dessas pessoas.

A sua finalidade é proteger as pessoas que fazem parte dela e não a amaldiçoar. Mas, muitas das vezes, quando um membro familiar ligado a este espaço religioso não cumprir com a tarefa deixada pelos seus antepassados de realizar as cerimônias, pode acontecer uma tragédia contra essa pessoa como sinal de aviso a forma de lhe fazer voltar a tradição (tchon tchamau).

Devido às ramificações das gerações dos pepéis, cada ser humano Pepel pertence a uma baloba da sua geração. As cerimônias se realizam por meio de cães para devoção dos espíritos.

A construção do sujeito e modo de ser deste povo encontra-se fundamentalmente no processo religioso. As formas da iniciação (ensino), adotada nesta sociedade, é a forma de construir a conduta moral do iniciante perante os desafios das sociedades, por isso, envolve métodos de orientação baseado na senioridade, todavia os métodos aplicados "coage" aprendiz como bem explica Indi durante a sua passagem.

A forma de organização social na tradição Pepel é baseada na hierarquia e pertencimento para adquirir certos conhecimentos dos rituais e cerimônias, muitas vezes é desconhecida pela sociedade em geral e cria constrangimento e medo da "realidade invisível".

Como afirma Evans Pritchard: “nenhum tema da Antropologia social é tão contestado quanto a teologia dos primitivos”

Esta realidade advém do fato de que, aos olhos dos povos dessas religiões ditas tradicionais, o Deus não é realmente separado do homem, da sociedade (vivos e mortos), nem de natureza; mas essa realidade não faz com que os homens se confundam com Deus, sobre o plano da experiência, com a entidade humana, com a sociedade ou com a natureza. Para compreender esta questão, é preciso compreender o ponto de vista do homem africano banto. Para ele, não existe a revelação. Esta realidade não constitui nenhum problema. Se, com efeito, a unidade do mundo é vivida como uma experiência primeira e evidente, a noção de um Deus fora ou abaixo do mundo, é inconcebível. Pois Deus está no mundo: Homem, Deus e Natureza se integram. (DOMINGOS 2016. P. 7-8).

Conhecimento filosófico dos pepéis, envolve um elemento tão importante sobrenatural que está enraizado na mente de todo um Pepel tradicional, colocando hipóteses: esse elemento é o espírito que ocupa seu lugar no universo e conhecido no mundo material e espiritual, na concepção deste povo dos elementos sobrenaturais, e essa realidade sobrenatural é composto por força ancestral e os espíritos que habitam o universo, compondo a força vital. Nesta lógica, a força vital constitui nesse povo, como em várias sociedades africanas, umas das categorias mais importantes que estruturam suas cosmovisões, denominado como energia natural do universo e atua de maneiras específicas em sociedades diferentes deste continente (OLIVEIRA (2018. p. 58).

O lugar onde se rege a concepção do sagrado por via dos valores atribuídas socialmente, toda a visão dos pepéis sobre a tradição/religião está inserida numa dimensão religiosa em todos os aspectos da vida, e essa interligação que por consequência dos interesses ocidentais através da conferência da Abidjan em 1961 no ano de encerramento do colóquio sobre religiões separaram e denominaram as práticas da tradição africanas de “religiões africanas”. A partir de um acordo estabelecido, segundo Domingos (2021. p.3) "do ponto de vista africano, a “religião”

não pode ser descrita, todas descrições de crenças e práticas tradicionais africanas são dos fundamentos ocidentais, porque as próprias religiões africanas são diversas e particulares".

A tradição Pepel, visa respeito aos ancestrais porque se constitui como a base das suas religiões de lógica diferentes do cristianismo ocidental, e eles acreditam na reencarnação e a natureza ou universo se faz a justiça sem a intervenção humana.

Esse povo por consequência tem um método de realizar a justiça muito antiga diferente do modelo contemporâneo ocidental, que envolve vários métodos e pesquisas, isso mostra, a realidade de toda população colonizada, considerada bárbaros sem conhecimento, religiões com as suas línguas próprias e suas autoridades.

A baloba/kansaré pertence lugar onde se juntam para festejar a prática religiosa guardiã da comunidade e serve para trazer a paz a sociedade, e se encontra ligada a toda realidade humana, nele se realizam a justiça por meio de animais em curto espaço de tempo, como bem sabe o segredo compõe a relevância deste povo, a hierarquia de saber também serve como modo de preservar a cultura as fontes e as informações ao longo será mergulhada para trazer a cosmovisão dos pepéis e como na profundidade da baloba.

Isso se constitui porque nessa realidade e como outros na África apontam, para os pepéis não existe a separação do ser humano e a natureza da visão ocidental, os humanos fazem parte da natureza e a natureza complementa a sua formação no universo. Oliveira (2018. p. 57), a força sagrada se repousa na natureza, profano e o sagrado se misturam, todos são sagrados e os humanos está ligado a todos os elementos da natureza e o criador, por exemplo:

Esse sagrado, porém no caso da África, emana da ancestralidade. A ancestralidade, então, está o cerne da concepção do universo interliga todas as coisas. Logo a ancestralidade permeia todos os seres que compõem esse universo. Se a ancestralidade é a expressão do sagrado, este manifestar-se através da força vital, (OLIVEIRA. 2018. p. 57).

Entre pepéis o passado humana faz parte dos ancestrais, mas, nem toda ação do indivíduo lhe permite fazer parte dos ancestrais, permitido a se conectar com o plano físico, a reencarnação da alma se entre pepéis consideram como pessoa especial enviado por Deus para ajudar a humanidade livrar dos aspectos malignos, nem todo espíritos estão suficientemente para voltar a conectar na comunidade, como explica Domingos (2011. p. 5), "sobre a articulação do espaço material e imaterial que o indivíduo tradicional africano busca equilíbrio e a experiência de separação, desintegração, é rejeitada categoricamente na sua concepção".

9.2 Yanda Kabas

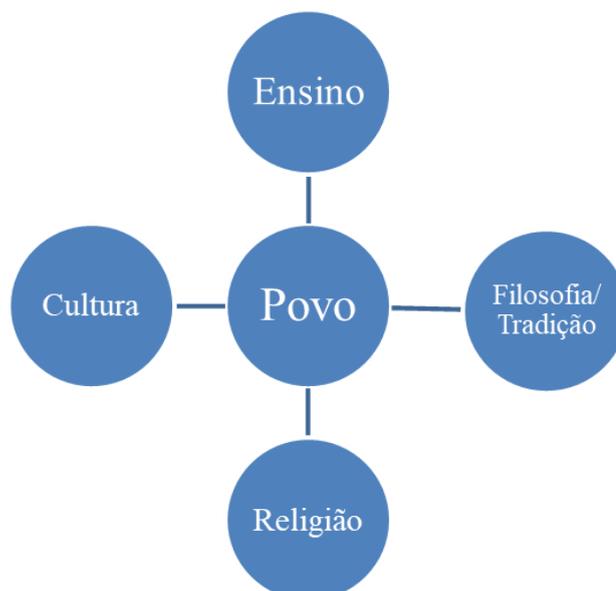
É o processo da peregrinação, em crioulo conhecido como (tchiganta gargante) na Pepel (lon kursus).

Yanda kabas basicamente é processo e fazer voltar às nossas origens, voltar o que os nossos ancestrais tinham feito, é a forma de se comunicar com o passado. Feita através das longas viagens a cada baloba das gerações dos pepéis onde se localizam geograficamente para entregar oferecer oferendas a divindades “animistas” que se consideram protetores. É um processo contínuo feita de geração para geração (djorson a djorson), são junções de gerações (djorsons) de pessoas disponibilizada para cumprir e conforme estão a deixar o mundo dos vivos e outros assumem a posição, conforme interlocutor:

Esse processo restabelece a comunicação com ancestrais, as divindades, as alianças feitas no passado, e aqueles defuntos são considerados seus anjos protetores. Só as mesmas pessoas que encarnaram que fizeram baloba deles que transformam (sai baloba), e chegam um tempo onde as pessoas da etnia Pepel se organiza para cumprimentá-la.

Este processo é organizado uma de cada vez de djorson para djorson, ou seja, pode ser organizado, por outro lado, a nível da baloba ou regulado. É um processo considerado entre pepéis como sagrado. Para participar deste evento, depende da sua legibilidade se estás puro “sem pecado” (pdjua), a fim de encontrar com os defuntos as “almas reencarnado” os anjos guardiões.

Elemento para análise da complexidade social:



= **Ciência**

10 A COMPREENSÃO DOS PEPÉIS SOBRE AVANÇO DA MODERNIDADE NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

A relação com a cosmovisão da tradição dos pepéis é igual a visão da sociedade tradicional africana banto, a terra como a fonte da vida está ligada a criação, o que se encontra numa realidade diferente do ocidente para pepéis, a terra tem guardiões invisíveis que corresponde com a visão banto, a terra é a fonte da vida (DOMINGOS, 2011. 8-9).

Na Guiné-Bissau e nos povos pepéis tradicionalmente o conceito de modernidade apresenta menos impactos como na história, se compreendem mais o conceito de tempo e transformações, do que a modernidade, de acordo com Oliveira, considera que, se nas sociedades modernas o tempo é orientado para o futuro, nas sociedades tradicionais africanas o tempo é orientado para o passado. Porque nele se encontram saberes ancestrais e suas identidades, ao contrário do ocidente alinhado ao futuro, o tempo é demarcado através dos fenômenos naturais, permitindo que os humanos manipulem o próprio. OLIVEIRA (2018. p. 62)

A concepção de tempo africana é dinâmica e sujeita a reformulações e mudanças. Vive-se no tempo atual. A tradição é continuamente retomada e atualizada. A "voz" do passado é ouvida e merece muita atenção, mas sempre na intenção de orientar e organizar o presente. Vive-se agora. O hoje tem alguma importância, é claro. Mas é o tempo atual a base do tempo vindouro, (OLIVEIRA, 2018. p. 62).

Na África o homem tradicional não é "escravo" do tempo, ele demarca e controla o tempo pelo seu bem necessário, essa lógica de encarar o tempo implica por razão dele não se procurar parar a transformação ou separar os tempos do antigo e do moderno (DOMINGOS 2011. 5),. Assim, a modernidade por consequência evoca as fases do capitalismo e da industrialização, trazendo séries de transformações sociais e culturais de acordo com Oyèrónké (2004. p. 1), "uma das características marcante da era moderna é a expansão europeia e a hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo, o impacto dessa colonização atinge bases das estruturas sociais africanas".

A marginalidade designa espaço intermediário entre a chamada tradição africana e o projeto da modernidade do colonialismo (MUDIMBE, 1988. p. 9), este processo nas tradições provoca constrangimento cultural, modo de vida, forma de pensar as sociedades africanas culmina nos fatores da "alienação" e o mesmo se contribuiu nas grandes distinções e definições das identidades, na África a penetração do colonialismo gera a fragmentação das sociedades e dos grupos sociais UKIWO (2016. p. 1987). O surto das guerras civis e conflito étnico na África

estimula interesse na identificação étnica a qual a "Guiné-Bissau não sofreu", mas, compreendeu a influência da invasão colonial na separação dos povos que antes eram alinhados.

CASTELLS (2018. p. 55), "caracteriza a construção da identidade em três formas. A identidade legitimadora (racialização), identidade resistência (sobrepôr) e identidade de projeto (intencional)". A identidade como a fonte de significado e experiência de um povo, acrescenta que a construção de identidade envolve a geografia, biologia, a reprodução da memória coletiva histórica, fantasias pessoais do poder e cunho religioso.

De acordo com Ukiwo, no ponto de vista da modernização, os problemas das identidades étnicas, são "primitivos" que lutavam contra a cidadania moderna. E afirma que em 1960, explicações materialistas e instrumentalistas de etnicidade mostram que tanto identidades étnicas quanto nacionais são fenômenos distintivamente modernos. (A construção da nação).

Na Guiné-Bissau, por experiência, posso afirmar que nas zonas rurais, nem sempre a nação é cantada com orgulho. Segundo Geschiere (2012), a identificação étnica é vista de forma negativa pelos órgãos internacionais, pelas diferenças existentes na África, fruto da administração colonial, e da mesma forma, e acrescenta que, nem todos discursos de nação supera diferenças étnicas.

A partir da visão africana da humanização os humanos têm uma ancestral comum partindo ainda nos seus sistemas matrilinear, relativamente o processo conturbado da Guiné realidade das análises históricas, muitos grupos exemplo de Brames teriam a mesma ancestralidade, sendo que, identidades de um povo se reconhece sua experiência com passado, e a realidade de como a construção dessas identidades tiveram sucesso tem a ver de como esses povos lidaram com a experiência do mundo e na base disso antes e como depois da colonização guineense, bem como explica Calhoun 1994 apud Castells 2018 sobre a identidade:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida a construção de novas identidades nacionais a partir da nova visão global na construção das identidades nacionais. (CALHOUN 1994 apud CASTELLS 2018. 55-56).

Partindo do pressuposto que, os pepéis com as suas bases culturais e civilizações antigas e consolidadas, a sua civilização é composta de vários instrumentos e segmentos sociais, língua, tradição/religião, artes, iniciação, etc. Os povos pepéis tradicionais seguem um sistema da organização social antiga e memórias, esse modelo de relação está ligado às suas relações com o mundo invisível dos ancestrais, e a base da identidade Pepel está ligada a essa realidade imaterial os ancestrais, os cultos e os ritos prestado aos que já não faz parte desse processo material.

Assim como, o código de atribuição dos nomes pepéis tem os propósitos baseados nas realidades, muitas das vezes carregados de energias simbólicas e se mudaram o nome, muda o propósito e a força carregada na comunidade. A concepção da língua como uma identidade cultural de um determinado grupo social. Todas as práticas culturais e sociais de uma etnia giram em torno de sua língua, ajudando a compreender melhor a situação histórica e social de existência dos membros de um grupo. A língua em geral é o museu de um povo, onde se encontra toda a memória histórica daquele povo e nos pepéis é onde se encontram seus poderes espirituais.

Os povos pepéis compreendem várias mudanças culturais pela influência do colonialismo, a origem do seu nome étnico teve a influência do projeto colonial que no passado deixou as marcas identitárias. Por outro lado, essa conexão foi desligada a partir da conferência de Berlim 1884-1885, em que as fronteiras mágicas estabelecida na África e na Guiné-Bissau provocaram a desunião de povos que antes eram unidos, por exemplo, o de Cassamance,

A base étnica das nações modernas torna-se cada vez mais evidente e o Estado-nação, longe de ser uma entidade estável, natural, é a condensação temporária dos movimentos que verdadeiramente caracterizam a modernidade política: estados em busca de nações e nações em busca de Estados (SANTOS. 1993-1994. p. 40).

Esse aspecto caracteriza a experiência da diversidade dos povos da Guiné-Bissau que no passado antes da invasão europeia cada povo vivia nos seus respectivos lugares “tchon” não território denominado hoje Guiné-Bissau com as suas políticas e organização social, o que, de certo modo, pode ser entendido como estados. Conforme Vansina (2010, p.146), "toda a instituição social, e também todo grupo social, tem uma identidade própria que traz consigo, um passado inscrito nas representações coletivas de uma tradição, que o explica e o justifica".

Toda criação da identidade tem sua fundamentação consciente ou inconsciente que o passado explica, a identidade é fonte de significado e experiência de um povo, a diversidade cultural em si não deveria ser um campo de conflito Teodoro (1987. p. 46) se esse grupo constitui um estado, tais diferenças não devem impedir as práticas das suas especificidades culturais, seu impedimento cria inferiorização e problemas de identidade cuja consequência ameaçaram o equilíbrio do estado.

A transformação das relações sociais na Guiné-Bissau é lenta, devido a grau de conservadorismo cultural outrora são mecânicas, Santos (1994. p. 43) "nas suas orientações metodologia sobre as culturas explica que, nenhuma cultura autocontida, os seus limites nunca

coincidem com o de estado; segundo, nenhuma cultura é indiscriminadamente aberta. Terceira não é nunca uma essência". É uma autocriação, uma negociação de sentidos que ocorre no sistema mundial.

Lógico que, quanto a nossas identidades étnicas e quanto nacionais, a configuração da identidade de um povo (nação) ou grupo étnico só surge na sua relação com o outro, ou outro grupo étnico, a existência de qualquer identidade cultural de um grupo étnico ou duma sociedade ela se transmite pela cultura, pelo ensino, e pela educação.

A sociedade Pepel de forma geral é conservadora na qual a sua ancestralidade manifesta constantemente, considerando que toda sociedade conservadora detesta mudança conscientemente orientada. "As teorias da modernização, por exemplo, concebem a mudança das sociedades africanas como uma passagem do seu estágio tradicional para uma modernidade padronizada." (MACAMO, 2022. p. 8). Para Domingos (2011. p. 2), "mesmo essas sociedades engajadas na obra moderna de transformação, sempre guarda certa docilidade profunda com a natureza".

Na mesma linha do raciocínio Macamo (2022), "afirma que, as sociedades africanas estão sempre em constante transformação, o que está por além do conceito da modernidade adotada como as formas de descrever as sociedades em desenvolvimento". Nesta tentativa, as sociedades são consideradas estáticas em África. Da mesma forma, aponta análises sociológicas que se caracteriza o avanço no retrocesso através da adoção de mobilidade tradicional como impasse de ponto de vista do que é considerado desenvolvimento.

Nas sociedades africanas, o conceito modernidade assume outras características baseado na lógica do tempo, "transformação" Domingos (2011. p. 6). "Na concepção global do mundo dos africanos, o tempo é o lugar onde o homem age sem parar na sua luta contra o seu enfraquecimento para o desenvolvimento e no fortalecimento da sua energia vital". Isto se constitui a lógica da cosmogonia africana onde as forças negociam e se complementam na natureza.

10.1 A Língua Pepel

A língua como um sistema de identificação cultural no povo Pepel ele transcende toda a realidade e existência como uma população se encontra em toda dimensão da organização social. Aliás, é a estrutura mais importante nos segmentos e existência como pepéis, bem como, conhecido na sociedade africana e como na Guiné-Bissau tradicionalmente a oralidade ocupa ainda todo sistema de transmissão de conhecimento e valores sociais através da sua dada

importância. Na etnia Pepel, a língua Pepel é fundamental nas articulações e se figura como o único sistema para preservar valores dos tempos passados, os sistemas tradicionais pepéis são povos fortemente baseados na oralidade Vansina (2010, p. 139-140), "uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais".

A oralidade como um sistema linguístico, a língua é um museu onde se encontra toda a memória histórica de um povo, onde se instala seus poderes espirituais, sua importância na atribuição dos nomes africanos tem enorme relevância. Os nomes africanos basicamente têm propósitos baseados nas suas realidades e às vezes estão carregados de energias simbólicas, se porventura muda, mudaria o propósito e a força daquela pessoa atribuída ao nome.

As heranças dos nomes de colonos ainda se vibram nas nossas sociedades, os seus poderes e efeitos. Nós carregamos os nomes e significados de sentido de vida deles, mas não ao contrário. O que no meu pensamento é o amor ao colonialismo, o processo da ambivalência, a rejeição a nossa própria identidade, tradição e saberes endógenas, sabendo distinguir os três saberes existentes nas sociedades africanas de acordo com Macamo (2002), "a pensar as formas de fazer sociologia africana tende de separar os três como: saberes tradicionais, colonial e africanos. Esses sabores ligados à oralidade".

Na ideia de Bá (2010. p. 168), "lá onde não existe a escrita, o homem, está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ela é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é".

Nele, como uma sociedade tradicionalmente oral guarda todos os segredos e suas sabedorias ancestrais e a escrita não ocupa lugar nessa sociedade. A importância da tradição oral não se conhece se compreende. Quanto isto, pretendemos entender como pepéis compreende as transformações sociais na preservação da sua tradição.

11 METODOLOGIA

O delineamento do trabalho será do objetivo exploratório, quanto abordagem perseguirá a natureza qualitativa e etnográfica do estudo antropológico, histórico e sociológico, usando o método hipotético dedutivo como a forma de responder o nosso problema, além disso. Para a realização desta pesquisa, o método de investigação utilizado é bibliográfico e documental, e durante esse processo, vai nos permitir fazer a revisão dos trabalhos acadêmicos, como artigos científicos, dissertações, registros, gravações, e outros trabalhos que foram produzidos e relacionados a nossa temática de pesquisa.

Segundo Vera (2012.p.198), “ato de pesquisar em si já é um questionar, uma vontade de perscrutar a realidade, o que já foi construído socialmente e cristalizado como verdade.”

Entende-se que questionar uma pesquisa é um fio condutor a caminho que venha ser trilhado dentro do campo metodológico, desejando a busca de novas informações para problemas consolidados socialmente nefasta, que nesse contexto qualquer pesquisa apresenta um problema.

Ainda, o método utilizado será da pesquisa bibliográfica baseada em consulta e de recolha de dados com objetivos de trazer novas propostas aos problemas constatados, que terá como proposta de estudo analisar a cosmologia e a identidade da família Pepel.

Segundo SILVA (2015, p. 83), a pesquisa bibliográfica “trata-se do levantamento da bibliografia já publicada sobre interesse, em forma de livros, revistas, periódicos, publicações avulsas, veiculados na internet ou por meio da imprensa.” Entretanto, a pesquisa bibliográfica é fundamental nas pesquisas científicas, possibilitando ao pesquisador ir para o terreno preparado, que resta analisar, interpretar, refletir, criticar com vista as leituras.

Como a nossa pesquisa assumiu duas naturezas, o procedimento bibliográfico e documental será realizado por método de observação do participante, a entrevista e análises de dados.

E quanto a metodologia a pesquisa ocorrerá em três etapas:

- . No primeiro momento da pesquisa, pretende-se fazer a busca de textos dos autores para a leitura e, realizar fichamentos, resenhas e resumo das ideias centrais de cada autor pertinente ao assunto.
- . Segundo momento está relacionado a nossa fase da entrevista e análise das distintas colocações.
- . O terceiro e último momento é a transcrição das anotações e resumos de cada ideia dos entrevistados para a construção deste trabalho em andamento.

“A metodologia é o conjunto de procedimentos expressos pelos métodos e pelas técnicas, que descreve com detalhes cada etapa do plano de pesquisa que será realizado” (SILVA, 2015, p.80).

Conforme a perspectiva do autor, o conceito da metodologia não cabe somente a partir do plano de pesquisa, mas que precisa de outros elementos metodológicos que são: organização e análises de dados, coleta de dados e definição da amostragem, a metodologia além de compreender, interpretar também é usado para identificar hipóteses a problema de pesquisa.

Nesse sentido,

O planejamento da pesquisa concretiza-se mediante a elaboração de um projeto, sendo o documento explicitador das ações a serem desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa. O projeto deve, portanto, especificar os objetos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar os procedimentos de coleta e análise de dados. Deve, ainda, proporcionar a indicação dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários para assegurar o êxito da pesquisa. (GIL.2002.p.19).

De acordo com Gil, o planejamento da pesquisa é fundamental no processo de elaboração do projeto que será necessário perpassar as regras e as condições que a metodologia nos propõe de modo a possibilitar um bom resultado de pesquisa.

Esse trabalho será fundamentado em propostas teóricas e práticas que apresentam significativa importância na definição e construção de conteúdos abordados nesse estudo acerca da identidade. Portanto, tais objetos da pesquisa serão estudados em fontes primárias e secundárias que foram selecionados.

No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (BAUER, GASKELL, 2003. p. 190)

A especificação destes dois conceitos nas ciências sociais, no que concerne à quantidade/qualidade, facilita a produção no campo científico seguindo os métodos e técnicas de procedimentos metodológicos. Quanto isto, a finalidade dessa pesquisa é apresentar as amostras do espectro dos pontos de vista, ao passo que quantitativa opta por levantamento de dados, este tipo de estudo nos relaciona com os conteúdos a ser estudados através dos indicadores de atitudes, valores e cosmovisões.

Para a coleta dos dados será realizada a entrevista de forma transversal, utilizaremos o método interdisciplinar da pesquisa e um roteiro para dar suporte a uma entrevista semi-estruturada e acadêmica (individual) e será aplicado na região de Biombo com as populações da amostra, os pepéis, líderes tradicionais, jovens e em particular mulheres.

Sendo que, vamos elaborar um conjunto de questões norteadoras que permitirão a fácil compreensão do nosso público alvo, levando em conta a complexidade de fazer ciências sociais em África, será utilizada diversas metodologias interdisciplinares na construção dessa pesquisa.

Quanto a finalidade é aplicada com interesse na pesquisa básica estratégica.

Devido ao procedimento da nossa pesquisa, a proposta do pré-projeto pretende analisar a identidade Pepel e suas cosmologias, compreendendo o seu desenvolvimento frente aos novos desafios e transformações sociais. Analisaremos também os benefícios e os prejuízos do uso da identidade privada e étnica se consta superior ao interesse coletivo nacional e compreender vários problemas sociais ligados a natureza e a espiritualidade.

Sendo assim, a nossa pesquisa encaminhará para o procedimento final de transcrições, quanto isto, o projeto de pesquisa será de forma exploratória baseada nos assuntos práticos e teóricos através das leituras e fichas das informações pertinentes.

Nos procedimentos de dados quali-qualitativos envolverá análises quanto aos dados coletados e interpretados de ponto de vista hipotético dedutivo que permitirá estabelecer hipóteses ao assunto pesquisado. Neste caso, envolverá toda a leitura e procedimento da metodologia nas colocações refutadas, enquanto isto, a técnica para a coleta de dados prosseguirá no método bibliográfico, seguindo o objetivo da pesquisa de consulta e compreensão das leituras. Por fim, as análises dos conteúdos incluem o processo de consulta e a técnica de coleta dos dados a submeter a exame conclusivo de informações.

No decorrer dessa pesquisa, os métodos mudam conforme a necessidade dos objetivos do projeto, as futuras limitações de nosso trabalho provêm do tipo de dados disponíveis, sendo assim, propomos o método bibliográfico e documental como todas as pesquisas se necessitam de um estudo teórico.

12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, Sofia. **Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo**. *Análise Social*, vol. XLIII (2.º, 273-295.) 2008. p.27.

AIRTON, Marques da Silva. **Metodologia de pesquisa**. Fortaleza. Editora-EdUECE. 2015.

BÂ, A. Hampâte. **A tradição Viva. In: História Geral da África, I: Metodologia e pré-I: Metodologia e pré-História da África (Org.) Joseph Ki-Zerbo. -2.ed.rev. – Brasília: UNESCO. P. 168. 2010**

BAUER, Martin W; Gaskell George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e son**. Tradução de Pedrinho. A. Guareschi. -7. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2008, janeiro.

CABRAL, Solange. **Casamento forçado na Guiné-Bissau: diversas formas de violar o direito da mulher**. São Francisco do Conde/BA. 2016. janeiro. Editora Vozes Ltda. 2º edição. p.190. 2003.

FONSECA, Tânia Maria Galli.org. Et al. **Pesquisar na diferença abecedário**. Porto Alegre. Editora Meridional Ltda. 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação**. Tradução: Khans Brandini Gerhardt. Volume 21-9ºed-SP/Rio de Janeiro: paz e terra. 2018.

DOMINGOS, Luís Tomás. A visão africana em relação a natureza. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011.

DOMINGOS, Luís Tomás. Religião tradicional africana. *Brazilian journal of Development*, Curitiba, v.7, n.1, p.10692-PDF 3. Janeiro. 2021.

GUINÉ-BISSAU. Org. Helmer Araújo. Revisão: funag, editora-Brasília LTDA. p. 5. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1103>.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**-São Paulo. Editora atlas S. A. 2002.

IE, Ivo Aloide. Língua e Identidade Cultural: Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.145, jan./jun. 2021.

KANDIMBA, Ginga. Vídeo (13min). As divindades ocidental em África. Disponível em: <https://www.tiktok.com/t/ZM28Boo8g/?t=1>. Acesso em: 19. Maio. 2023.

MACAMO Elísio. **A constituição dum Sociologia das sociedades africanas**. Editora- Estudos moçambicanos. 2002.

Macedo, Victor Miguel Castillo de. Uma resposta possível à pergunta "etnias realmente-importam?". **Blog do grupo de pesquisa em ciências sociais Africanas da USP**. Disponível: <https://grupoafricanidade.wordpress.com>. Acesso em 14.junho.2022.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de Auto-Inscrição estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001, pp.172-209.

MUDIMBE, Yves Valentin. **A invenção da África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Tradução, Leonor Pires Martins. Public. Idea of África. p.2-9.1988.

NANQUE, Adelino. **Mulheres katanderas da Guiné-Bissau: um estudo sobre o protagonismo sociopolítico e a espiritualidade**. São Francisco do Conde 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil elementos para uma filosofia Afrodescendente-Nordm**. 2022. 318 p. v.1. Disponível em: <https://www.scribd.com>. Acesso em: 27 maio 2023.

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli De. O matriarcado e o lugar social da mulher em Africa: Uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**. Rio de Janeiro. Volume 3, número 6, Julho–Dezembro de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4424>.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Divinizando o conhecimento: a questão do homem em Ifá**. Tradução realizada por Aline Matos da Rocha: uma relação entre Oyèwùmí e Foucault, defendida na Universidade Federal de Goiás, em 2018. Disponível em: <https://goo.gl/kE6MuQ>.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero, os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Dakar. **CODESRIA Vender Series**. Volume1. p. 8. 2004,1-8.

PIRES, Inaida, Em convite: a performatividade no casamento da etnia Pepel da Guiné-Bissau. **Blog: O que você faz com a sua língua**, 7 ago. 2013. Disponível em: <https://oquevocêfazcomasualingua.blogspot.com>. Acesso em: 20 de abril 2023.

ROQUE, Silvia. **Um retrato da violência contra mulheres na Guiné-Bissau**. Versão de 8 de Junho p.43. 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994). p. 40.

TÉ, Antônio Abipinte. **Principais rituais da etnia Pepel: fanado e casamento**. 6 de Dezembro 2016. Volume-63. Trabalho de conclusão de curso. Bacharelado em Humanidades-UNILAB. Redenção-CE. 2016.p.35-45.

TEODORO, M. de L. Identidade, cultura e educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 46–50, 1987. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1270>. Acesso em: 22 dezembro. 2022.

UKIWO, Ukoha. Etnicidade e cidadania na África: algumas reflexões. **In: Helen Lauer; Kofi Anyidoho (org.). O Resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas**. Tradução de Rodrigo Sardenberg. Brasília: FUNAG, 2016.p.1985-2003. (1987).

VANSINA, Jan. **A tradição oral e a sua metodologia**. **In: História Geral da África, I: Metodologia e pré-História da África** (Org.) Joseph Ki-Zerbo. -2.ed.rev. – Brasília: UNESCO. p. 139-140, 146. 2010.

VIDAL, Artur Felipe. Vídeo (5 min). **Função da arte na espiritualidade africana**. Public. pelo des construção mental. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMYET5Dme/>. Acesso em: 6. 05. 2023.

VIDAL, Artur Felipe. (3 min). África está doente. **Blog: verdades africanas**. Publicado pelo Rodrigo Mendes. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZM2j8TcMw/> . 04. 12. 2023 Acesso em: 10. 05. 2023.

13 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2021		2022		2023		2024	
	1 Sem	2 Sem						
Aulas Presenc.								
Coleta de dados			X	X	X			

Rev. Bibliográfica				X	X			
Anál. de dados					X			
Elab. da Escrita								
Defesa de TCC				X	X			
					X			

YÓOTA